

ORIENTANDO-SE

Uma visão oriental da Lei Escoteira

Rubem Tadeu Cordeiro Perlingeiro



ESCOTEIROS
DO BRASIL

ORIENTANDO-SE
Uma visão oriental da Lei Escoteira

1ª Edição - Abril de 2014 - 1.000 exemplares
1ª Reimpressão - Junho de 2016 - 1.000 exemplares

Autor

Rubem Tadeu Cordeiro Perlingeiro

Ilustrações

Luiz Cesar de Simas Horn

Diagramação

Raphael Luis K.

Todos os direitos reservados.

O autor cedeu os direitos desta edição para a União dos Escoteiros do Brasil.



Escoteiros do Brasil
construindo um mundo melhor

União dos Escoteiros do Brasil - Escritório Nacional

Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Água Verde

CEP 80250 100 | Curitiba | Paraná

www.escoteiros.org.br

A Lei Escoteira está no horizonte. Caminho dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte fica dez passos mais longe. Por mais que eu caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a Lei Escoteira? Serve para isto: para me fazer caminhar.

Adaptado do poema "Janela sobre a Utopia",
de Eduardo Galeano.



DEDICATÓRIA

À Flávia, que é uma verdadeira Escoteira e me dá demonstrações diárias de cumprimento da nossa Lei, mesmo sem ter formalmente feito a Promessa.

A Rodrigo e Letícia, que me fizeram descobrir a beleza da arte de contar histórias e me estimularam a escrever este livro.

Rubem Tadeu

ÍNDICE

Prefácio	7
Algumas palavras iniciais	9
A Promessa Escoteira e a Lei Escoteira	11
Reflexões sobre os artigos da Lei Escoteira	13
1º Artigo	13
2º Artigo	15
3º Artigo	17
4º Artigo	19
5º Artigo	21
6º Artigo	22
7º Artigo	23
8º Artigo	25
9º Artigo	27
10º Artigo	30
Algumas palavras finais	32

PREFÁCIO

Para localizar-se os escoteiros aprendem que o sol, com sua luz, nasce a cada dia vindo do Oriente. A própria palavra “orientação” é uma derivação de “orientar”, que significa determinar ou estabelecer uma posição em relação ao oriente.

Nossa civilização também foi iluminada pela filosofia e espiritualidade, ensinamentos morais e códigos de conduta que vieram do mesmo Oriente. Essas “luzes” nos foram apresentadas, na maioria das vezes, na forma de lendas, fábulas, contos e histórias, sempre como uma contribuição para o aprimoramento das pessoas e da sociedade.

Ao utilizar os tradicionais contos e histórias orientais para ilustrar os artigos da Lei Escoteira, Rubem Tadeu nos oferece uma oportunidade de compreender melhor os conceitos e relacioná-los com a vida. Apoia-se na sabedoria construída ao longo de milênios para exemplificar, tornar palpável os conceitos e valores fundamentais propostos pelo Movimento Escoteiro.

A leitura do livro, por si só, é um presente e uma divertida jornada, mas a proposta se apresenta, também, como um novo instrumento para auxiliar os escotistas a levar aos membros juvenis, de forma leve, atraente e adaptável, aqueles conteúdos e valores indispensáveis para a construção de um mundo melhor.

Ao amigo Rubem Tadeu temos que cumprimentar pela qualidade do trabalho de elaboração do livro, e agradecer pela generosa iniciativa, própria de quem tem um coração escoteiro muito bem orientado.

Luiz César de Simas Horn

ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS

O objetivo deste pequeno livro é refletir sobre os artigos da lei escoteira a partir de uma perspectiva oriental. Ele é inspirado no belíssimo livro “Sêde Perfeitos”, do britânico E. J. Rowland, publicado em 1950, reunindo uma coletânea de palestras do autor sobre cada artigo da lei escoteira. A diferença é que, no “Sêde Perfeitos”, a reflexão foi feita com base numa visão ocidental e cristã.

Há alguns anos, despertou em mim o interesse pela cultura do Oriente, mais precisamente pela cultura dos países do Leste Asiático (Japão, China e Coreia) e pelo Budismo, e, desde então, venho lendo (e colecionando) fábulas, parábolas, contos e diálogos entre mestres e discípulos, que, aqui, estou chamando genericamente de “histórias”.

Essas histórias vêm sendo contadas ao longo de muitos anos, são de autoria desconhecida, já incorporadas às tradições desses países e, por isso, podem ser publicadas livremente. Algumas encontrei em livros, outras em sites ligados ao Budismo, outras ouvi de monges e amigos.

Com o passar do tempo, comecei a perceber que muitas dessas histórias (neste pequeno livro, incluí algumas da Índia também) tinham a ver com o Escotismo; a partir disso, pensei em associá-las aos artigos da lei escoteira, de forma a proporcionar a todos a oportunidade de refletir sobre os artigos da nossa lei de uma maneira diferente daquela a que estamos normalmente acostumados (os textos da Promessa Escoteira e dos artigos da lei foram extraídos do Capítulo 1, Regras 004 e 008, do P.O.R. - Princípios, Organização e Regras, edição de 2013).

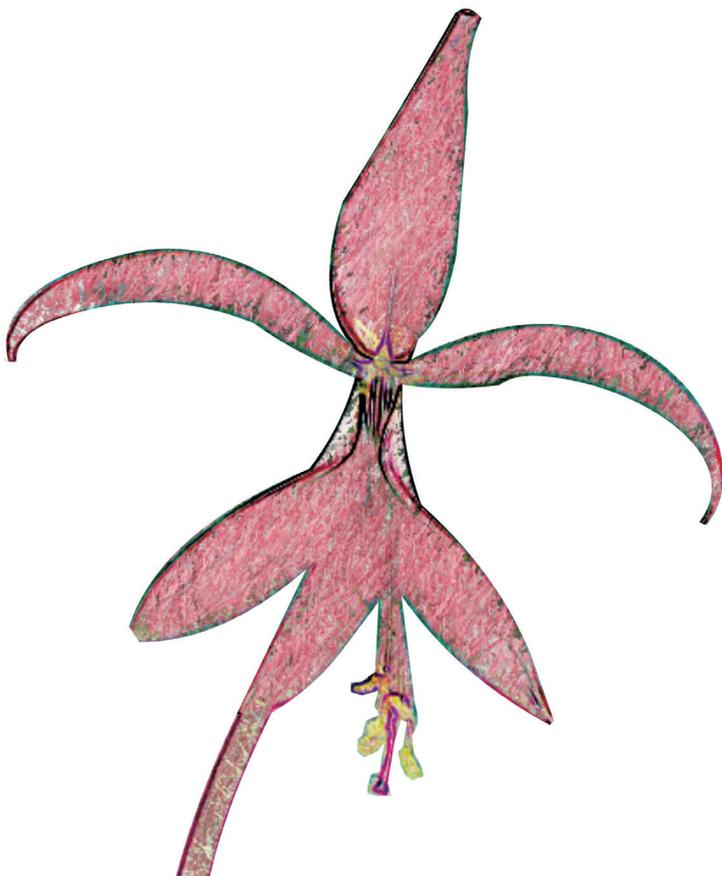
Quem sabe uma Tropa Escoteira, reunida à noite, em volta do fogo, apreciando a lua e as estrelas, não pudesse ouvi-las do seu chefe?

Hoje, a televisão e a internet dão a sensação de se saber muito, confundindo quantidade de informações com sabedoria, disponibilidade on line com amizade verdadeira.

Faltam os mais velhos, faltam as palavras que sintetizam verdades antigas, mas ainda muito poderosas. Falta a atenção aos momentos do cotidiano que ensinam, que acolhem, que trazem consolo para corações e mentes sobrecarregados de tarefas, de opiniões, de demandas e cobranças. Falta permitir-se ter tempo harmonioso e convivência.

As culturas orientais tradicionais baseavam-se em uma observação contínua da natureza, na atenção plena às tarefas do dia-a-dia, na meditação sobre a sequência dos atos e suas consequências. Muito disso se perdeu no próprio Oriente, tão ocidentalizado quanto qualquer país geograficamente mais para o oeste.

Mas o Oriente que este pequeno livro pretende trazer é o Oriente antigo; o Oriente que, com seus ensinamentos, pode nos ajudar a compreender esse maravilhoso código de valores contido em cada artigo da lei escoteira.



A PROMESSA ESCOTEIRA E A LEI ESCOTEIRA

(segundo o texto oficial da União dos Escoteiros do Brasil)

> Promessa Escoteira

Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para:
Cumprir meus deveres para com Deus e minha pátria;
Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; e
Obedecer à Lei Escoteira.

> Lei Escoteira

- 1º) O Escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais que sua própria vida.
- 2º) O Escoteiro é leal.
- 3º) O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
- 4º) O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros.
- 5º) O Escoteiro é cortês.
- 6º) O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.
- 7º) O Escoteiro é obediente e disciplinado.
- 8º) O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- 9º) O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
- 10º) O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

REFLEXÕES SOBRE OS ARTIGOS DA LEI ESCOTEIRA

1º

O Escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais que sua própria vida

O imperador precisava achar um sucessor. Sem filhos, nem parentes próximos, ele decidiu chamar todas as crianças do reino.

Thai foi uma delas. Ele era um ótimo menino. Dedicava-se ao jardim de sua casa e cada planta tocada por ele crescia viçosa e forte.

No dia marcado, dirigiu-se até o palácio, onde havia milhares de pequenos súditos. O imperador disse:

“Crianças, preciso escolher o meu sucessor entre vocês. Vou lhes dar uma tarefa. Aqui estão algumas sementes e quero que vocês as cultivem. O trono será daquele que me trouxer, daqui a um ano, a planta mais bonita.”

Thai era um excelente jardineiro e com certeza faria muito bem o que o imperador pediu. Porém, por mais que se esforçasse, a semente não brotava. O menino fez de tudo o que podia, mas seus esforços não adiantaram.

Até o dia de apresentar a planta ao imperador, a semente de Thai não havia brotado e o menino estava tão preocupado que não queria enfrentar as outras crianças; porém, seu avô disse:

“Você é honesto. Vá até o imperador e diga a verdade. Sua dedicação foi máxima, mas a semente não brotou. Não se envergonhe, apenas explique o que você fez, pois devemos sempre agir com honestidade, buscando a felicidade, sem que a nossa alegria faça alguém infeliz.”

Thai obedeceu ao avô e foi a palácio. Entretanto, ao chegar lá, ficou assustado, pois era a única criança que não levava consigo uma belíssima planta.

O imperador chamava as crianças e examinava os vasos. Não sorria nem esboçava contentamento.

Thai estava muito nervoso, pois se o imperador não havia até agora aprovado aquelas plantas maravilhosas, o que não diria de seu vaso sem nada?

Thai foi ficando para trás e quando se deu conta, era o último da fila. Mas sua vez chegou e ele não poderia mais adiar o encontro com o imperador. “Vejam, meu jovem, o que tem aí para mim.”

Thai não pode mais evitar as lágrimas. Com a cabeça baixa, mostrou o vaso ao imperador e disse:

“Senhor, sou um jardineiro e uma de minhas virtudes é a perseverança, mas por mais que eu tenha me esforçado, a semente não brotou. Meu avô ajudou a pensar sobre o que fazer e optei por dizer a verdade, contar meu esforço e pedir-lhe perdão.”

“Não se envergonhe, criança, você fez o certo. A sua grande virtude foi dizer a verdade, pois eu havia queimando todas as sementes e nenhuma poderia germinar. Portanto, você foi o único que, de fato, plantou a semente que lhes dei.”



2° O Escoteiro é leal

Há muito tempo, existiu um templo arruinado, onde um mestre vivia com seus discípulos em situação muito difícil. Eles passavam necessidades e não tinham mais como sobreviver, a não ser com esmolas e os poucos donativos conseguidos na aldeia mais próxima. Muitos discípulos começaram a reclamar das péssimas condições em que viviam.

O mestre reuniu a todos para fazer uma proposta. Explicou que era necessário reformar o templo para que tivessem melhores condições de habitação. Porém, como viviam em função da meditação e dos estudos, não sobrava tempo para trabalhar e arrecadar dinheiro, mas disse que tinha uma solução muito simples.

“Vocês devem ir até a cidade e roubar todos os bens que conseguirem carregar para que possam ser vendidos e convertidos em dinheiro. Essa é a única maneira de reformarmos nosso templo sagrado”, disse o mestre.

Os estudantes ficaram surpresos com a proposta do mestre. Mas, como confiavam cegamente nele, não fizeram nenhum protesto.

O mestre ainda fez uma ressalva.

“Já que vocês estarão cometendo um ato imoral e ilegal, para não manchar a nossa reputação, solicito que roubem somente quando ninguém estiver olhando. Nenhum de vocês deve ser apanhado”, disse o mestre.

O mestre se retirou e os monges começaram a discutir entre si. Uns diziam que era errado roubar e se questionavam sobre o porquê de o mestre ter feito uma proposta tão absurda. Outros responderam que seria por uma boa causa, já que não tinham outros meios de reformar o templo sagrado. No fim, todos concordaram que o mestre era um homem muito sábio e que deveria estar consciente da sua proposta. Um mestre como ele não pediria aos monges para realizar tal ação se não estivesse certo de que essa ação era correta.

Na manhã seguinte, os monges se reuniram bem cedo e partiram em direção à cidade. Relembrou todo o plano e a ressalva do mestre para que não fossem apanhados. Não queriam sujar a reputação do templo e, para isso, deveriam ser muito cuidadosos.

Todos os monges partiram, menos um. O mestre que estava observando os passos de seus discípulos se aproximou do monge que estava meditando no salão principal do templo.

“Por que você não foi com os outros”, perguntou o mestre.

“Eu não pude seguir suas instruções. Eu não sou capaz de roubar. E mesmo que ninguém me veja, aonde quer que eu vá, eu sempre estarei olhando para mim mesmo. Meus olhos vão me ver roubando”, disse o monge chorando.

O mestre abraçou o jovem com emoção.

“Eu estava apenas testando a integridade dos meus discípulos e você foi o único que passou no teste”, disse o mestre.



3º

O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação

Certa vez, um homem estava perdido no deserto, prestes a morrer de sede. Foi quando ele chegou a uma casinha velha – uma cabana desmoronando – sem janelas, sem teto, batida pelo tempo. O homem perambulou por ali e encontrou uma pequena sombra onde se acomodou, fugindo do calor do sol desértico.

Olhando ao redor, viu uma bomba a alguns metros de distância, bem velha e enferrujada. Ele se arrastou até ali, agarrou a manivela, e começou a bombear sem parar. Nada aconteceu. Desapontado, caiu prostrado para trás e notou que ao lado da bomba havia uma garrafa.

Olhou-a, limpou-a, removendo a sujeira e o pó, e leu o seguinte recado:

“Você precisa primeiro preparar a bomba com toda a água desta garrafa, meu amigo. Faça o favor de encher a garrafa outra vez antes de partir.”

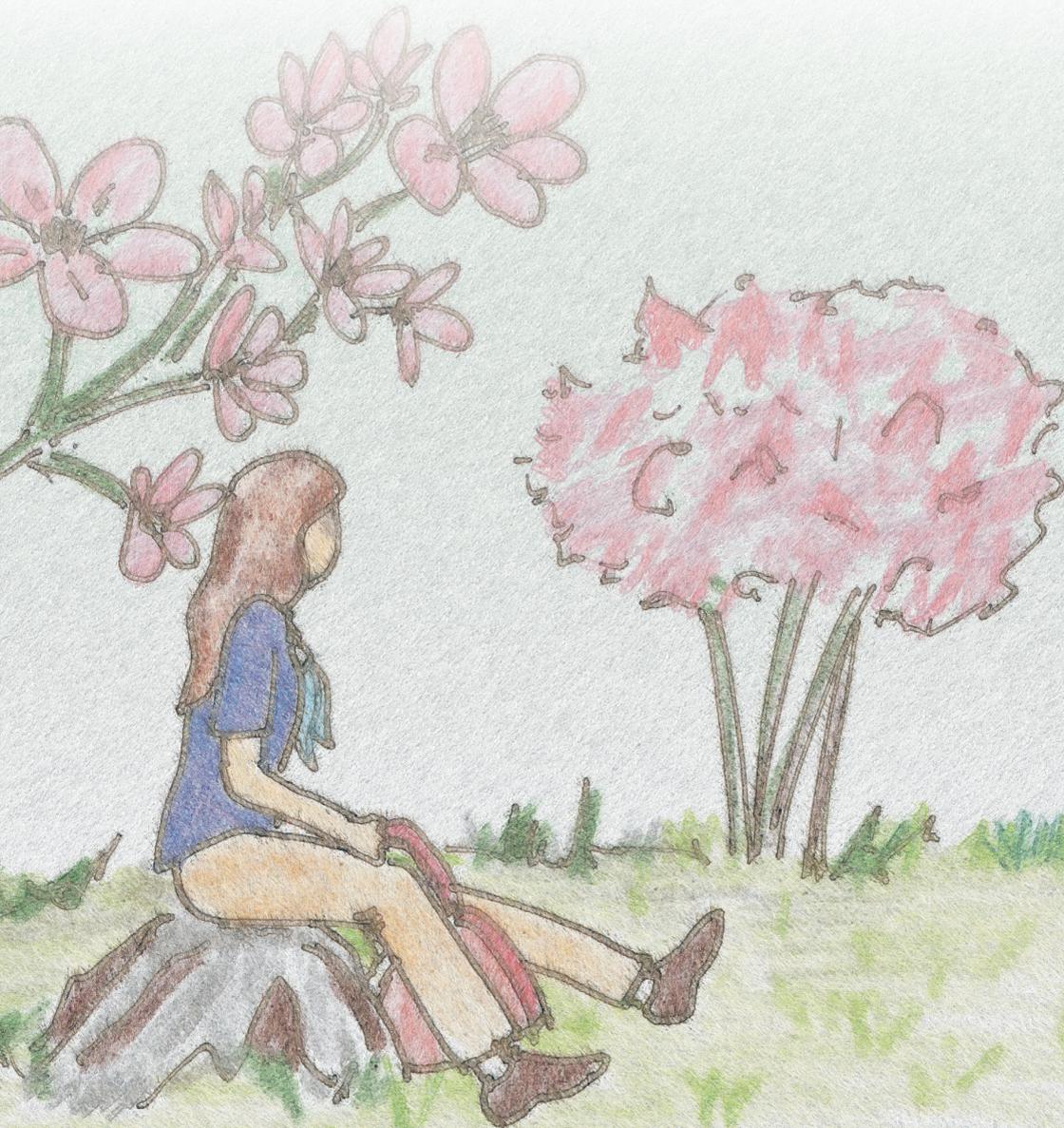
O homem arrancou a rolha da garrafa e, de fato, lá estava a água. A garrafa estava quase cheia de água! De repente, ele se viu em um dilema: se bebesse aquela água poderia sobreviver, mas se despejasse toda a água na velha bomba enferrujada, talvez obtivesse água fresca, bem fria, lá do fundo do poço, toda a água que quisesse e poderia deixar a garrafa cheia para a próxima pessoa,... mas talvez isso não desse certo.

Que deveria fazer? Despejar a água na velha bomba e esperar a água fresca e fria ou beber a água velha e salvar sua vida? Deveria perder toda a água que tinha na esperança daquelas instruções, pouco confiáveis, escritas não se sabia quando? Com relutância, o homem despejou toda a água na bomba. Em seguida, agarrou a manivela e começou a bombear e a bomba começou a chiar. E nada aconteceu!

E a bomba foi rangendo e chiando. Então surgiu um fiozinho de água; depois um pequeno fluxo, e finalmente a água jorrou com abundância!

A bomba velha e enferrujada fez forrar muita, mas muita água fresca e cristalina. Ele encheu a garrafa e bebeu dela até se fartar. Encheu-a outra vez para o próximo que por ali poderia passar, arrolhou-a e acrescentou uma pequena nota ao bilhete preso nela:

“Cria-me, funciona! Você precisa dar toda a água antes de poder obtê-la de volta!”



4º

O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros

Havia um senhor que tinha treze filhos; do mais velho ao mais novo, parecia uma escada. Sabendo que não teria muito mais tempo de vida junto aos filhos, o velho pai quis ensinar-lhes uma valiosa lição. Para isto, num agradável dia do outono, pediu-lhes que fossem ao bosque mais próximo de casa e que cada um recolhesse dois galhos do mesmo tamanho. O caçula trouxe dois galhinhos bem finos, o antecaçula veio com dois galhos um pouco mais grossos, e assim por diante, com o primogênito trazendo dois troncos debaixo do braço.

Vendo isso, o senhor disse orgulhosamente:

“Parabéns! Fico feliz em ver que criei treze filhos fieis e obedientes. Agora, quero que cada um de vocês me entregue um galho e guarde o outro para si.”

E assim foi. Cada filho aproximou-se do pai, reverenciou-o e entregou-lhe um de seus galhos. E o velho pai pegou-os, juntou-os, e amarrou-os firmemente com uma tira de couro.

“Muito bem” – disse o pai. “Quero ver se cada um de vocês tem força suficiente para quebrar o galho que guardou para si.”

Ávidos para impressionar o pai, cada filho pegou seu respectivo galho e quebrou-o, até com certa facilidade, até mesmo o mais velho, que pegou seu grosso tronco e, com um preciso e rápido golpe de kung fu, partiu-o ao meio. O pai, vendo isso, exclamou:

“Que alegria! Vejo que criei treze homens fortes e sadios, capazes de enfrentar os desafios da vida!”

Em seguida, ele emendou:

“Agora, quero ver qual de vocês tem força para quebrar o conjunto de galhos que amarrei nesse fardo!”

O menor aproximou-se do maço de galho e tentou dar um golpe de kung fu, mas quebrou a própria mão. O segundo tentou com o pé, mas nada aconteceu. E assim, sucessivamente, cada jovem tentou quebrar o fardo, porém, sem resultados aparentes. Após várias tentativas infrutíferas, o velho ordenou:

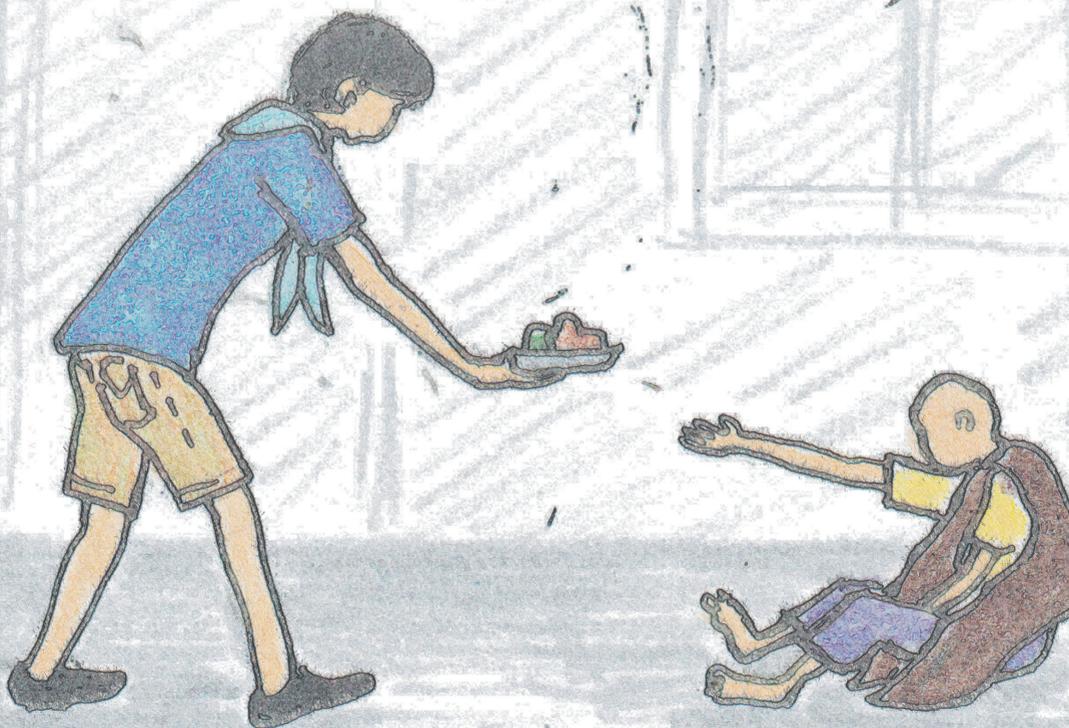
“Venham todos juntos e tentem quebrar esse grupo de galhos.”

Os irmãos agruparam-se e tentaram realizar a tarefa de várias maneiras, mas sem sucesso...

Vendo a frustração, a exaustão e a irritação dos filhos, o pai pediu-lhes, então, que parassem e sentassem à sua volta.

Do alto da sua vasta experiência e profunda sabedoria, o velho pai proclamou:

“Meus filhos, eu já estou bem idoso e não terei muito mais tempo de convivência com vocês nesta passagem terrena. Antes de partir, porém, quero deixar-lhes uma valiosa lição: se vocês tentarem enfrentar o mundo sozinhos, serão facilmente quebrados como um galho solitário, mas se o fizerem juntos, nada os derrotará.”



5° O Escoteiro é cortês

Buda estava conversando com seus alunos embaixo de uma linda árvore quando, de repente, apareceu um jovem bêbado desafiando o mestre para uma briga. Para surpresa geral, o mestre aceitou.

Abriu-se uma roda; Buda de um lado, o jovem do outro. Antes de partir para cima do mestre, o jovem bêbado começou a jogar terra na cara de Buda. Este não se mexeu. Então, o jovem começou a cuspir na direção do rosto de Buda, e novamente este nada fez. Restava usar as palavras: o jovem xingou Buda de coisas horrosas, e este também nada fez.

Por uma hora inteira tudo se repetiu: terra no rosto, cusparadas e xingamentos. O jovem, não suportando a passividade do mestre, foi embora gritando, morrendo de ódio.

Os alunos, espantados, aproximaram-se de Buda e disseram:

“Quanta humilhação, mestre! Ele lhe jogou terra no rosto, cuspiu, xingou, e o senhor não fez nada!”

Buda se limpou e disse com serenidade:

“Alunos, quando alguém vai à sua casa levando um presente e vocês não aceitam, com quem fica o presente?”

“Com quem o levou” – disse um dos alunos.

“Então, ouçam e aprendam: quando alguém joga em vocês ódio, raiva e veneno e vocês não aceitam nada disso, com quem ficam esses sentimentos?”

Aquelas palavras calaram fundo na alma dos alunos.



6º

O Escoteiro é bom para os animais e as plantas

Uma floresta estava se queimando e um papagaio buscava água em seu bico, fora da floresta, para apagar o incêndio. Um papagaio tão pequenino, quanta água poderia transportar? Como poderia um papagaio, carregando porções tão pequeninas de água a cada voo, apagar o incêndio de uma floresta? Isso era simplesmente impossível, mas o papagaio parecia ignorar essa impossibilidade e continuava, sem poupar esforços, a carregar água em seu bico cheio, alçando inúmeros voos.

Àquela altura, o rei celestial Indra apareceu diante do papagaio e lhe perguntou: "Você é apenas um pequeno papagaio, como lhe será possível, com a sua limitada capacidade, apagar esse violento incêndio florestal?"

O papagaio respondeu: "Se o fogo colossal poderá ou não ser apagado, eu não sei. Contudo, como habitante dessa floresta, devo salvar o local em que eu moro. Devo tentar dar o melhor de mim."

Por causa desse grande voto do papagaio, o rei Indra, profundamente sensibilizado, disse-lhe: "Embora você seja um pequeno papagaio, sua mente e seu voto são grandiosos. Tudo bem; deixe-me ajudá-lo."

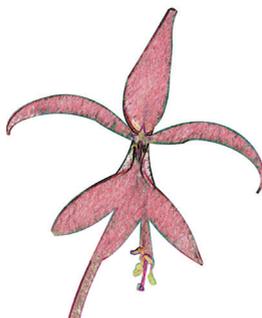
Usando seu poder sobrenatural, o rei Indra acabou com o incêndio florestal num instante.

Um discípulo perguntou ao seu mestre Zen:

"Como posso fazer com que as montanhas, os rios e a grande Terra me beneficiem?"

Respondeu o mestre:

"Vós deveis beneficiar as montanhas, os rios e a grande Terra."



7º

O Escoteiro é obediente e disciplinado

Os chineses têm uma forma muito interessante para descrever a importância da disciplina para se gozar de boa saúde. Certa ocasião, o pai, chinês, dividia com seu filho sua compreensão ampliada do conceito de saúde. Em vez das ordens convencionais - "filho, alimente-se corretamente", ou "filho, você precisa descansar porque amanhã tem de acordar cedo para praticar esportes antes das aulas", o pai repassava sua visão ancestral da importância da saúde.

O número 1.

A saúde, segundo o pai, era o número 1, na série de acumulações possíveis que temos na vida. Se, além da saúde, eu tivesse amigos, acrescentaria um zero depois do número 1. Teria então um patrimônio dez vezes superior ao inicial. Na mesma linha de raciocínio, o pai acrescentava um zero ao número 10, a cada nova conquista, e o chamava de dinheiro, bom salário ou sucesso profissional.

10, 100, 1000...

O menino, filho de imigrantes, recém recebido de braços abertos no Brasil, ainda meio deslocado no ambiente, se sentia riquíssimo. O pai não desistia. O filho, avaliava seu interesse e transformava sua fortuna em 1.000. Ou seja, o número 1 da saúde, seguido de amigos e dinheiro que ganhava, agora, o zero que ele nomeava como educação, reflexão ou capacidade de aprender.

A partir dessa forma de encarar a disciplina, aprendeu a se tornar mentalmente um bilionário. Aprendeu a tratar cada avanço em sua vida, seja uma posição numa multinacional, o término da universidade ou a compra do seu primeiro carro, com a indiferença de um zero.

Mas que, quando acrescentado ao sólido número 1, a saúde o tornava poderoso.

Você já deve imaginar como terminava a pregação do pai ao filho.

Olhando bem nos olhos do filho, viu-os brilhando com os milhões possíveis, ele falava: " Filho, se você não tiver saúde, o que acontece? Você não tem aquele número 1 na frente. Só zeros!

000000000000000000...

O que adianta ter amigos, dinheiro, poder, família e todo o restante, sem ter saúde, o número 1 da equação para dar-lhe significado?" .

(Fonte. O sucesso está no Equilíbrio
Robert Wong, 4ªEdição, ed. Campus, 2006)



8º

O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades

Há um conto Taoísta sobre um velho fazendeiro que trabalhou em seu campo por muitos anos. Um dia seu cavalo fugiu. Ao saber da notícia, seus vizinhos vieram visitá-lo.

“Que má sorte!” eles disseram solidariamente.

“Talvez,” o fazendeiro calmamente replicou. Na manhã seguinte o cavalo retornou, trazendo com ele três outros cavalos selvagens.

“Que maravilhoso!” os vizinhos exclamaram.

“Talvez,” replicou o velho homem. No dia seguinte, seu filho tentou domar um dos cavalos, foi derrubado e quebrou a perna.

Os vizinhos novamente vieram para oferecer sua simpatia pela má fortuna.

“Que pena,” disseram.

“Talvez,” respondeu o fazendeiro. No próximo dia, oficiais militares vieram à vila para convocar todos os jovens ao serviço obrigatório no exército, que iria entrar em guerra. Vendo que o filho do velho homem estava com a perna quebrada, eles o dispensaram. Os vizinhos congratularam o fazendeiro pela forma com que as coisas tinham se virado a seu favor.

O velho olhou-os, e com um leve sorriso disse suavemente:

“Talvez.”



Havia em uma aldeia uma velha chamada “mulher chorosa” pois todos os dias, chovendo ou fazendo sol, ela sempre estava chorando. Ela vendia bolinhos na rua, e um monge sempre passava por ela quando ia ao grande templo para os ritos. Um dia, curioso, ele lhe perguntou:

“Sempre que passo, seja em belos dias ensolarados, seja em suaves dias chuvosos, vejo a senhora chorando. Por que isso acontece?”

“Tenho dois filhos,” ela respondeu, “Um faz delicadas sandálias, o outro guarda-chuvas. Quando faz sol, penso que ninguém comprará os guarda-chuvas de meu filho, e ele e sua família vão passar necessidades. Quando chove, penso no meu filho que faz sandálias, e que ninguém vai comprá-las. Então ele também vai ter dificuldade para sustentar sua família.”

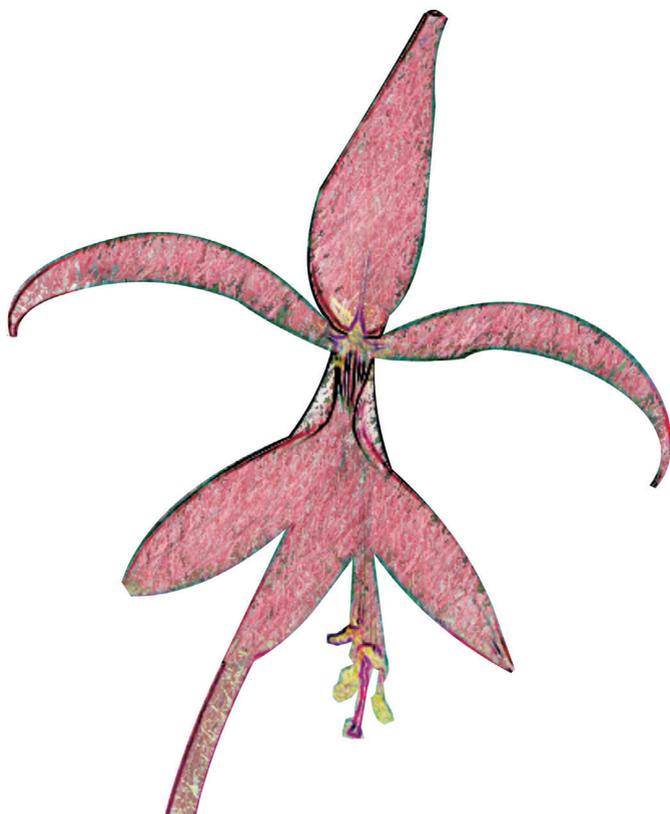
O monge sorriu e disse:

“Mas... a senhora deveria ver as coisas de forma correta. Veja: quando o sol brilha, seu filho que faz sandálias venderá muito, e isso é muito bom! Quando chove, seu filho que faz guarda-chuvas venderá muito, e isso é também muito bom!”

A velha olhou-o com alegria e exclamou:

“Tem razão!”

Desde então a velha passa todos os dias, chovendo ou fazendo sol, sorrindo feliz.



O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio

Era uma vez um simples quebrador de pedras que estava insatisfeito consigo mesmo e com sua posição na vida.

Um dia ele passou em frente a uma rica casa de um comerciante. Através do portal aberto, ele viu muitos objetos valiosos e luxuosos e importantes figuras que frequentavam a mansão.

“Quão poderoso é este mercador!” pensou o quebrador de pedras. Ele ficou muito invejoso disso e desejou que ele pudesse ser como o comerciante.

Para sua grande surpresa ele repentinamente tornou-se o comerciante, usufruindo mais luxos e poder do que ele jamais tinha imaginado, embora fosse invejado e detestado por todos aqueles menos poderosos e ricos do que ele. Um dia um alto oficial do governo passou à sua frente na rua, carregado em uma liteira de seda, acompanhado por submissos atendentes e escoltado por soldados, que batiam gongos para afastar a plebe. Todos, não importa quão ricos, tinham que se curvar à sua passagem.

“Quão poderoso é este oficial!” ele pensou. “Gostaria de poder ser um alto oficial!”

Então ele tornou-se o alto oficial, carregado em sua liteira de seda para qualquer lugar que fosse, temido e odiado pelas pessoas à sua volta. Era um dia de verão quente, e o oficial sentiu-se muito desconfortável na suada liteira de seda. Ele olhou para o Sol.

Este fulgia orgulhoso no céu, indiferente pela sua rele presença abaixo.

“Quão poderoso é o Sol!” ele pensou. “Gostaria de ser o Sol!”

Então ele tornou-se o Sol. Brilhando ferozmente, lançando seus raios para a terra sobre tudo e todos, crestando os campos, amaldiçoado pelos fazendeiros e trabalhadores. Mas um dia uma gigantesca nuvem negra ficou entre ele e a terra, e seu calor não mais pôde alcançar o chão e tudo sobre ele.

“Quão poderosa é a nuvem de tempestade!” ele pensou “Gostaria de ser uma nuvem!”

Então ele tornou-se a nuvem, inundando com chuva campos e vilas, causando temor a todos.

Mas repentinamente ele percebeu que estava sendo empurrado para longe com uma força descomunal, e soube que era o vento que fazia isso.

“Quão poderoso é o Vento!” ele pensou. “Gostaria de ser o vento!”

Então ele tornou-se o vento de furacão, soprando as telhas dos telhados das casas, desenraizando árvores, temido e odiado por todas as criaturas na terra. Mas em determinado momento ele encontrou algo que ele não foi capaz de mover nem um milímetro, não importasse o quanto ele soprasse em sua volta, lançando-lhe rajadas de ar. Ele viu que o objeto era uma grande e alta rocha.

“Quão poderosa é a rocha!” ele pensou. “Gostaria de ser uma rocha!”

Então ele tornou-se a rocha. Mais poderoso do que qualquer outra coisa na terra, eterno, inamovível. Mas enquanto ele estava lá, orgulhoso pela sua força, ele ouviu o som de um martelo batendo em um cinzel sobre uma dura superfície, e sentiu a si mesmo sendo despedaçado.

“O que poderia ser mais poderoso do que uma rocha?!?” pensou surpreso.

Ele olhou para baixo de si e viu a figura de um quebrador de pedras.



Ryokan devotou sua vida ao estudo do Zen. Um dia ele ouviu que seu sobrinho, a despeito das advertências de sua família, estava gastando seu dinheiro com jogos de azar e bebidas. Uma vez que o sobrinho tinha substituído Ryokan na responsabilidade de gerenciar os proventos da família, e os bens desta, portanto, corriam risco de serem dissipados, os parentes pediram a Ryokan fazer algo.

Ryokan teve que viajar por uma longa estrada para encontrar seu sobrinho, o qual ele não via há muitos anos. O sobrinho ficou grato por encontrar seu tio novamente e o convidou a pernoitar em sua casa.

Por toda a noite Ryokan sentou em meditação. Quando ele estava partindo na manhã seguinte ele disse ao jovem: “Eu devo estar ficando velho, minhas mãos tremem tanto! Poderia me ajudar a amarrar minha sandália de palha?”

O sobrinho o ajudou devotadamente. “Obrigado,” disse Ryokan finalmente, “você vê, a cada dia um homem se torna mais velho e frágil. Cuide-se com atenção.” Então Ryokan partiu, jamais mencionando uma palavra sobre as reclamações de seus parentes.

Mas, daquela manhã em diante, o esbanjamento do seu sobrinho terminou.



Na China antiga, um eremita meio mágico vivia numa montanha profunda. Um belo dia, um velho amigo foi visitá-lo. Senrin, muito feliz por recebê-lo, ofereceu-lhe um jantar e um abrigo para a noite; na manhã seguinte, antes da partida do amigo, quis ofertar-lhe um presente.

Tomou de uma pedra e, com o dedo, converteu-a num bloco de ouro puro.

O amigo não ficou satisfeito; Senrin apontou o dedo para uma rocha enorme, que também se transformou em ouro.

O amigo, porém, continuava sem sorrir.

"Que queres, então?" - indagou Senrin.

Respondeu-lhe o amigo:

"Corta esse dedo, eu o quero."



10°

O Escoteiro é limpo de corpo e alma

Há muitos séculos atrás, num mosteiro budista, após a cerimônia noturna, o Monge Abade se retira para o seu merecido descanso e enquanto tomava calmamente o seu chá, à luz de apenas uma lamparina de óleo. Fazendo entreabrir a porta de correr, feita apenas de madeira e papel de arroz, entra um dos monges instrutores do templo, reverenciando profundamente o mestre.

Indagado pelo Abade sobre o motivo de sua visita a essas altas horas da noite, o monge lhe diz que o motivo de sua visita é contar ao mestre sobre alguns comentários que estão correndo no templo sobre um outro mestre instrutor.

O Venerável Abade, então, lhe diz em sua profunda sabedoria:

“Calma! Antes de me contares algo que ouviste sobre outra pessoa, gostaria de lhe perguntar: Já fizeste passar essa informação pelas Três Peneiras da Sabedoria?”

“Peneiras da Sabedoria, Venerável Mestre?” Espanta-se o monge.

“Sim, as Três Peneiras da Sabedoria. Tudo o que ouvires falar sobre os outros, deve passar pelas Três Peneiras da Sabedoria, antes de ser retido, acreditado e repassado. Ouça com atenção e me responda: Tens absoluta certeza de que o que te contaram é realmente verdade?”

“Não, não tenho certeza Venerável Mestre. Apenas sei o que me contaram.” – Disse meio sem jeito o monge.

“Então, se não tens certeza, a informação já vazou pelos furos da primeira peneira que é a da profunda investigação da Verdade.

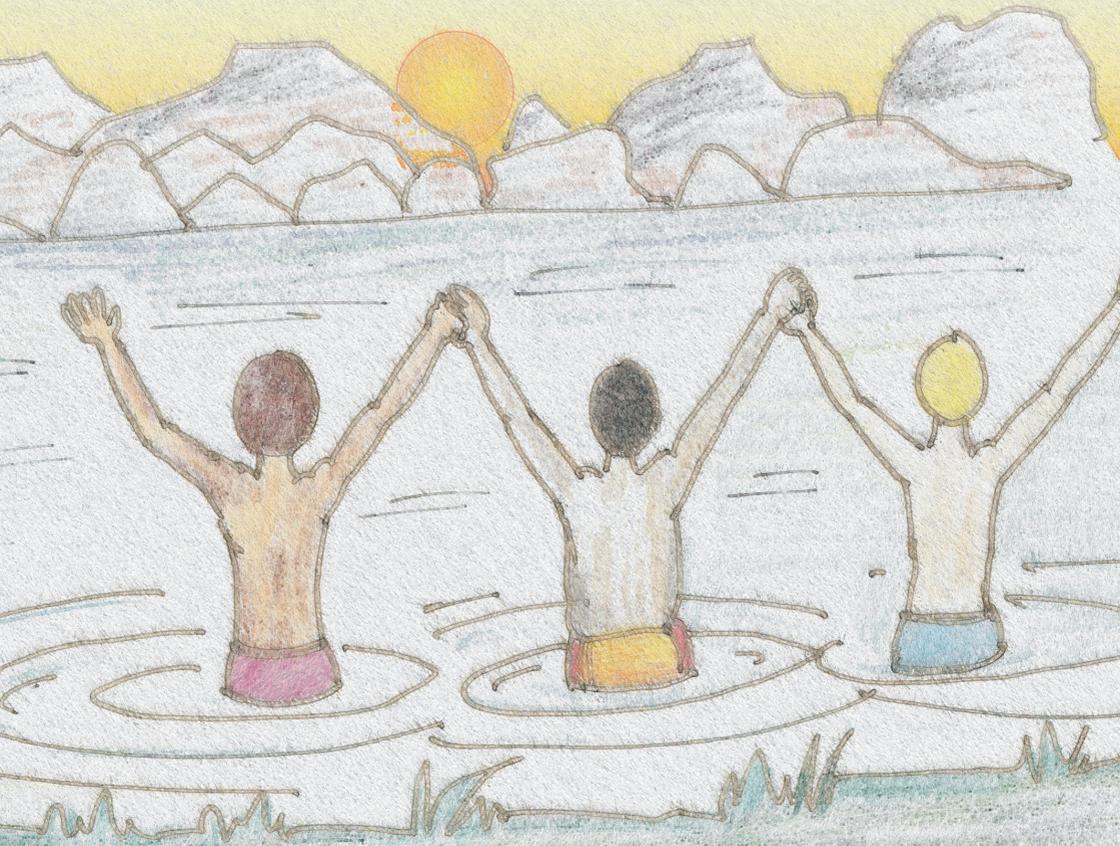
Agora ela repousa sobre a segunda peneira, e por isso eu lhe pergunto: - O que tens a me dizer é algo que gostaria que dissessem sobre ti?”

“De maneira alguma, Mestre! É claro que não!” diz o monge.

“Então tua estória acaba de passar pelos furos da segunda peneira que é a da compaixão, pois nunca deverias dizer ou fazer a alguém aquilo que não quisesses que fizessem ou dissessem de ti. Agora, tua estória repousa sobre a terceira e última peneira, e por isso lhe faço a última pergunta: - Achas que me contando essa estória sobre o seu irmão e companheiro de mosteiro, ela será útil a ele de alguma maneira?”

“Não, Mestre” - respondeu já ruborizado o monge. “Refletindo profundamente, sob a Luz da Sabedoria, vejo que nada de útil poderia surgir dessas estórias e boatos.”

“Então, essa estória acaba de vazar pela terceira peneira, para dissolver-se na terra. Nada restou para contar. E assim, lembra-te sempre que devemos ser como as abelhas que mesmo no mais imundo dos pântanos, buscam sempre as flores para delas retirar o doce néctar e nunca como as moscas que mesmo em um corpo sadio, buscam as feridas para delas se alimentar.”



ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Geralmente, pensamos que nós é que estamos certos e os outros errados. Aquilo que é bom o é devido ao nosso esforço. O que é ruim o é por causa dos outros. Se eu vier a cometer um erro, sempre farei o papel de advogado bonzinho, me defendendo. Mas, se é o outro que está errado, vou ser sempre o juiz implacável.

Nos outros, a gente consegue enxergar até o que não deveria, com suas qualidades e seus defeitos. Mas, o que mais saltam aos nossos olhos, infelizmente, são as coisas ruins.

Existe uma parábola que diz que o ser humano vive carregando dois sacos: um voltado para frente e o outro, nas costas. No saco que está voltado para frente, estão os defeitos dos outros e, no que está voltado para as nossas costas, os nossos defeitos. Por isso, só conseguimos enxergar os defeitos e os erros dos outros.



O que fazer para passar a enxergar os nossos defeitos e erros? É importante nos darmos conta do quanto somos falíveis e cheios de imperfeições. Mas, mesmo sendo tão cheios de imperfeições, para nós escoteiros, existe a Lei Escoteira, que, como uma bússola, nos orienta e nos mostra um bom caminho a ser seguido.

Cumprir a lei escoteira está longe de ser uma tarefa fácil. Mas, como disse no início deste livro, ela serve para orientar nossa caminhada. Orientando-nos a caminhar em direção ao rumo que, ao fazer a Promessa Escoteira, escolhemos para a nossa vida.

Por fim, gostaria de encerrar este livro com a seguinte história.

Um viajante solitário se perdeu na floresta. Ele tinha muita confiança em suas habilidades. Assim, sem nenhum temor ou ansiedade, decidiu continuar a caminhar, aproveitando a luz do dia. “Não importa a extensão da floresta. Ela há de ter um fim”, ele pensou. “Se eu continuar a andar sem interrupção, certamente vou encontrar o caminho de volta”. Ele estava tão certo de que conseguiria encontrar a saída, que não parou a caminhada nem um minuto.

No entanto, após muitos dias de caminhada, ele estava perdido na floresta, que agora parecia interminável. O homem começou a ficar tão cansado, que parou e olhou a sua volta. Quando olhou cuidadosamente, percebeu que o local era o mesmo de quando ele percebeu que tinha se perdido. Dia após dia, andou ininterruptamente, somente para chegar ao mesmo lugar que começara a caminhada! Quando percebeu isso, toda sua força desapareceu e ele se sentou.

Quando começou a ouvir o ameaçador som das folhas entre as árvores e os gritos das criaturas da floresta, perdeu instantaneamente a confiança em si e entrou em desespero. Instalou-se em sua mente o medo de que ficaria perdido para sempre e nunca mais encontraria o caminho de volta. Ao mesmo tempo, olhou ao redor ansiosamente e foi tomado por um medo tão intenso que não conseguiu mais se mover.

Em outra parte da floresta, outro viajante também estava perdido. Esse homem primeiro se sentou para pensar no que fazer. Moveu a cabeça em direção ao céu, viu uma estrela que poderia ser sua guia. Dependendo da estrela, ele andava numa direção. Quando estava incerto de que direção tomar, ele esperava a noite e a estrela aparecer. Quando via a estrela, verificava onde estava. Pouco a pouco, foi capaz de andar na direção correta.

O ruído ameaçador da floresta e os gritos das feras não o assustaram tanto. Na mente dele, sempre havia uma estrela para guiá-lo e, por isso, não havia motivo para preocupação.

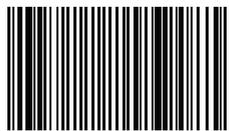
No caso desse último viajante, ele não pediu para a estrela intervir por ele. A estrela não estava fazendo nada diretamente para ele. No entanto, a estrela brilhava acima dele e usava a luz para guiá-lo à medida em que continuava o seu caminho (adaptado do texto "Tipos de Viajante e Tipos de Fé: Uma Parábola", do Monshu Koshin Ohtani, publicado no livro "The Buddhas's wish for the world", ainda não traduzido para o português).

Oriente-se e boa caminhada!!!

SOBRE O AUTOR

Rubem Tadeu Cordeiro Perlingeiro nasceu em Niterói, RJ, em 1968, e ingressou no Movimento Escoteiro em 1981, no 8º RJ - Grupo Escoteiro São Francisco de Assis, onde participou durante quinze anos como membro juvenil e escotista.

Atualmente, está como Diretor de Curso da Insígnia de Madeira (DCIM), Coordenador da Equipe Nacional de Espiritualidade e Vice-Presidente da Região Escoteira do Rio de Janeiro (2013/2016). Foi Presidente da UEB em duas ocasiões (2001 e 2009/2012) e membro do Conselho de Administração Nacional por três mandatos (1998/2003 e 2006/2009).



100000001243

União dos Escoteiros do Brasil - Escritório Nacional

Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Água Verde

CEP 80250-100 | Curitiba | Paraná

Tel.: 41. 3253 4732 | Fax: 41. 3353-4733

www.escoteiros.org.br